A MÁQUINA-HAMLET

Heiner Müller

1.

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Eu era Hamlet. Encontrava-me à beira-mar e falava com a rebentação - blabla. Por detrás de mim as ruínas da Europa. Os sinos anunciavam o funeral do Estado, assassino e viúva a um par, em passo de ganso atrás da urna do eminente cadáver, os conselheiros lamentando-se num luto mal remunerado QUEM É O CADÁVER NO CARRO FUNERÁRIO / POR QUEM SE OUVEM TANTOS GRITOS E QUEIXAS / O CADÁVER É O DE UM HOMEM / GRANDE DADOR DE ESMOLAS entre as fileiras da população, obra da sua arte de estadista ERA UM HOMEM QUE SÓ TIRAVA TUDO DE TODOS. Fiz parar o cortejo fúnebre, enfiei a espada no caixão, partindo-se a lâmina. Com o que dela restou consegui abri-lo e dividi o procriador falecido CARNE VAIBEM COM CARNE pelas figuras de miséria que por ali se encontravam. O luto transformou-se em júbilo, o júbilo em voracidade, sobre o caixão vazio o assassino atirou-se à viúva - QUERES QUE TE AJUDE A TREPAR, TIO? ABRE AS PENAS, MAMÃ. Deitei-me no chão e escutei o mundo a girar ao passo cadenciado da putrefacção.
I'M GOOD HAMLET GI'ME CAUSE FOR GRIEF
AT THE WHOLE GLOBE FOR A REAL SORROW
RICHARD THE THIRD I THE PRINCEKILLING KING
OH MY PEOPLE WHAT HAVE I DONE UNTO THEE
COMO UMA CORCUNDA EU ARRASTO O MEU PESADO CÉREBRO
SEGUNDO PALHAÇO NA PRIMAVERA COMUNISTA
SOMETHING IS ROTTEN IN THIS AGE OF HOPE
LETS DELVE IN EARTH AND BLOW HER AT THE MOON
Eis que vem o fantasma que me fez, o machado ainda no crânio. Podes guardar o teu chapéu, sei que tens um buraco a mais. Quis que a minha mãe tivesse tido um a menos, quando tu eras de carne: eu teria sido poupado. Dever-se-iam coser as mulheres, um mundo sem mães. Poder-nos-íamos massacrar tranquilamente uns aos outros e com alguma confiança, quando a vida se nos torna demasiado longa ou a garganta demasiado apertada para os nossos gritos. Quer queres de mim? não te basta um funeral de Estado? Velho tratante! Não tens sangue nos sapatos? Que me importa o teu cadáver! Contenta-te que o laço está desenfiado, talvez vás na mesma parar ao céu. Porque esperas? Os galos foram mortos. A manhã não existirá mais.
TENHO DE
PORQUE É COSTUME ENFIAR UM PEDAÇO DE FERRO NA CARNE MAIS PRÓXIMA OU NA SEGUINTE
PARA AÍ ME AGARRAR PORQUE O MUNDO GIRA
SENHOR PARTE-ME O PESCOÇO FAZENDO-ME CAIR DE UM BANCO DE TABERNA
Entra Horácio. Cúmplice dos meus pensamentos, que estão cheios de sangue, desde que a manhã se cobriu com o céu vazio, CHEGAS

DEMASIADO TARDE MEU AMIGO, PARA O TEU SOLDO / NÃO HÁ LUGAR PARA TI NA MINHA TRAGÉDIA. Horácio conheces-me? És meu amigo, Horácio? Se me conheces, como podes ser meu amigo? Queres representar Polónio, que quer dormir ao pé de sua filha, a encantadora Ofélia, ela entra com a sua deixa, olha como ela mexe as ancas, um papel trágico. Horácio / Polónio. Eu sabia que és uma actor. Também eu o sou. Faço de Hamlet. A Dinamarca é uma prisão, entre nós cresce uma parede. Olha o que cresce da parede. Exit Polónio. A minha mãe a noiva. Os seus peitos um canteiro de rosas, o ventre a fossa das serpentes. Esqueceste o teu texto, mamã. Eu faço de ponto. LAVA DO ROSTO O ASSASSÍNIO, MEU PRÍNCIPE / E FAZ OLHOS BONITOS À NOVA DINAMARCA. Vou outra vez transformar-te em virgem, mãe, para que o teu rei tenha umas núpcias sangrentas. O VENTRE DA MÃE NÃO É UMA RUA DE SENTIDO ÚNICO. Ato-te agora as mãos atrás das costas, porque me repugna o teu abraço com o véu de noiva. Rasgo agora o vestido de noiva. Agora tens de gritar. Agora sujo os farrapos do teu vestido de noiva com a terra em que o meu pai se transformou, com estes farrapos o teu rosto, o teu ventre, os teus peitos. Agora pego em ti, minha mãe, e conduzo-te pelo seu rasto invisível, o de meu pai. O teu grito sufoco-o com os meus lábios. Reconheces o fruto do teu corpo? Agora vai às tuas núpcias, puta, aberta ao sol dinamarquês, que brilha sobre vivos e mortos. Quero enfiar o cadáver nas latrinas que o palácio sufoque em merda real. Em seguida, Ofélia, deixa-me comer o teu coração que chora as minhas lágrimas.

2.

A EUROPA DA MULHER

Enourmous Room. Ofélia. O seu coração é um relógio.

OFÉLIA (CORO/HAMLET):
Eu sou Ofélia. Que o rio não guardou. A mulher na forca a mulher com as veias cortadas a mulher com uma dose (de narcóticos) em excesso SOBRE OS LÁBIOS NEVE a mulher com a cabeça no fogão de gás. Ontem deixei de me matar. Estou só com os meus peitos, as minhas coxas, o meu ventre. Dou cabo dos instrumentos do meu cativeiro – a cadeira, a mesa, a cama. Destruo o campo de batalha que foi o meu lar. Rebento as portas para que o vento entre e o grito do mundo. Despedaço a janela. Com as minha mãos sangrentas rasgo as fotografias dos homens que amei e que de mim se serviram na cama, sobre a mesa, ma cadeira do chão. Pego fogo à minha prisão. Atiro as minhas roupas ao fogo. Desenterro do meu peito o relógio que foi o meu coração. Vou para a rua, vestida com o meu sangue.

3.

SCHERZO

Universidade dos mortos. Sussurros e murmúrios. Das suas pedras tumulares (cátedras) os filósofos mortos atiram os seus livros sobre Hamlet. Galeria (bailado) das mulheres mortas. A mulher na forca e a mulher com as veias cortadas, etc. Hamlet contempla-as como se fosse um visitante de museu (um espectador de teatro). As mulheres rasgam-lhe as roupas do corpo. De um caixão colocado ao alto com a epígrafe HAMLET 1 saem Cláudio e, vestida e caracterizada de puta, Ofélia. Strip-tease de Ofélia.

OFÉLIA:
Queres comer o meu coração, Hamlet? (Ri)

HAMLET (as mãos diante do rosto):
Quero ser uma mulher.

Hamlet veste as roupas de Ofélia. Ofélia caracteriza-se com uma máscara de puta. Cláudio, agora pai de Hamlet, ri sem som. Ofélia atira a Hamlet um beijo com a mão e volta a entrar com Cláudio / pai de Hamlet no caixão. Hamlet em pose de puta. Um anjo o rosto sobre a nuca: Horácio. Dança com Hamlet.

VOZ(ES) do caixão:
Aquilo que mataste, tens também de amar.

A dança torna-se mais rápida e mais selvagem. Saem gargalhadas do caixão. Numa cadeira de baloiço a madona com um cancro no peito. Horácio abre um chapéu de chuva, abraça Hamlet. Imobilizam-se no abraço debaixo do chapéu de chuva. O cancro no peito brilha como um sol.

4.

PESTE EM BUDA / BATALHA PELA GRONELÂNDIA

Espaço 2, destruído por Ofélia. Armadura vazia, machado no capacete.

HAMLET:
O forno fumega nesse Outubro agitado.
A BAD COLD HE HAD OF IT JUST THE WORST TIME
JUST THE WORST TIME OF THE YEAR FOR A REVOLUTION
Através dos arrabaldes cimento em flor passa
O doutor Jivago chora
pelos seus lobos
NO INVERNO VINHAM ÀS VEZES À ALDEIA
REDUZIAM A PEDAÇOS UM CAMPONÊS

(*tira a máscara e o fato*)

INTÉRPRETE DE HAMLET:

Não sou Hamlet. Não represento mais nenhum papel. As minhas palavras não têm mais nada a dizer-me. Os meus pensamentos sugam o sangue das imagens. O meu drama já não se realiza. Atrás de mim monta-se a cena. De pessoas a quem o meu drama não interessa, para pessoas a quem ele não diz respeito. A mim também ele já não interessa. Já não vou nisso. (*Os ajudantes de palco, sem que o intérprete de Hamlet se aperceba, instalam um frigorífico e três aparelhos de televisão. Ruído do frigorífico. Três programas sem som.)* A montagem cénica é um monumento. Apresenta, cem vezes aumentado, um homem que fez história. A petrificação de uma esperança. O seu nome é insubstituível. A esperança não se concretizou. O monumento encontra-se por terra, demolido três anos

depois do funeral do estado, esse que foi odiado e venerado pelos seus sucessores no poder. A pedra está habitada. Nos espaçosos orifícios do nariz e das orelhas, pregas da pele e do uniforme da estátua demolida anicha-se a população miserável da metrópole. A essa queda do monumento, depois de um tempo conveniente, segue-se a revolta. O meu drama, se ainda tivesse lugar, realizar-se-ia na época da revolta. A revolta começa como passeio. Contra as normas de trânsito durante o tempo de trabalho. A rua pertence aos peões. Aqui e ali um carro é voltado. Pesadelo de um atirador de facas: travessia lenta de uma rua de sentido único em direcção a uma praça de estacionamento irrevogável que está cercada de peões armados. Polícias, quando se encontram atravessados no caminho, são atirados para as bermas da rua. Quando o cortejo se aproxima da sede do governo, um cordão de polícia faz-lhe frente. Formam-se grupos de onde emergem oradores. À varanda de um edifício governamental aparece um homem de fraque que lhe assenta mal e começa igualmente a falar. Mal a primeira pedra lhe acerta, também ele se atira para trás da porta de dois batentes em vidro à prova de bala. O pedido de mais liberdade transforma-se em grito pela queda do governo. Começa-se a desarmar os polícias, toma-se de assalto dois ou três edifícios, uma prisão, um posto de polícia, um departamento da polícia secreta, pendura-se pelos pés uma dúzia de homens fortes do poder, o governos faz intervir as tropas, blindados. O meu lugar, caso o meu drama se tivesse realizado, seria dos dois lados da frente, entre as frentes, por cima. Encontro-me no odor da transpiração da multidão e atiro pedras a polícias, soldados, blindados, vidros à prova de bala. Olho através da porta de dois batentes em vidro à prova de bala a multidão que aflui e cheiro o meu suor frio. Sufocado pelo vómito, agito o meu punho contra mim mesmo, eu que estou por detrás do vidro à prova de bala. Vejo-me, agitado pelo medo e pelo desprezo, na multidão que se aproxima, a minha boca espumando, a agitar o meu pinho contra mim mesmo. Penduro pelos pés a minha carne em uniforme. Sou o soldado na torre do blindado, a minha cabeça está vazia debaixo do capacete, o grito sufocado sob as cadeiras. Sou a máquina de escrever. Faço o nó do laço, quando os cabecilhas forem enforcados, retiro o escabelo, parto o meu pescoço. Sou o meu prisioneiro. Alimento com os meus dados os computadores. Os meus papéis são saliva e escarrador, faca e ferida, dente e goela, pescoço e corda. Eu sou o banco de dados. Sangrando na multidão. Respirando por detrás da porta de dois batentes. Segregando uma baba de palavras no meu balão à prova de som sobre a batalha. O meu drama não teve lugar. O manuscrito perdeu-se. Os actores penduraram as caras no gancho do vestiário. Na sua caixa o ponto apodrece. Os cadáveres de doentes de peste empalhados na sala não mexem as mãos. Vou para casa e mato o tempo, de acordo / com o meu eu não dividido.

Televisão A náusea quotidiana Náusea
Pela verborreia preparada Pelo bom humor prescrito
Como se escreve ACONCHEGO
Dai-nos hoje o nosso assassínio quotidiano

Pois teu é o Nada Náusea
Pelas mentiras em que acreditam
Os mentirosos e mais ninguém Náusea
Pelas mentiras em que se acredita Náusea
Pelos rostos marcados dos hipócritas
Pela luta pelos postos votos contas no banco
Náusea Um carro de assalto que faísca com as suas graças
Atravesso ruas armazéns rostos
Com as cicatrizes da batalha de consumo Miséria
Sem dignidade Miséria sem a dignidade
Da faço do punho americano do punho
Os corpos humilhados das mulheres
Esperança das gerações
Sufocadas em sangue cobardia estupidez
Risos saindo de ventres mortos
Viva a COCA-COLA
Um reino
Para um assassino
EU ERA MACBETH O REI TINHA-ME OFERECIDO A SUA TERCEIRA MULHER CANCEROSA EU CONHECIA TODOS OS SINAIS DAS SUAS ANCAS RASKOLNIKOV NO CORAÇÃO DEBAIXO DO ÚNICO CASACO O MACHADO PARA O / ÚNICO / CRÂNIO DA USURÁRIA
Na solidão dos aeroportos
Eu respiro Eu sou
Um privilegiado A minha náusea
É um privilégio
Protegido por muro
Arame farpado prisão

(fotografia do autor)

Nunca mais quero comer beber respirar amar uma mulher um homem uma criança um animal. Nunca mais quero morrer. Nunca mais quero matar.

(a fotografia do autor em pedaços)

Abro por arrombamento a minha carne selada. Quero habitar nas minhas veias, na medula dos meus ossos, no labirinto do meu crânio. Retiro-me para as minhas entranhas. Sento-me na minha merda, no meu sangue. Algures os corpos são destruídos para que eu possa habitar na minha merda. Algures os corpos são abertos para que eu possa estar sozinho com o meu sangue. Os meus pensamentos são chagas no meu cérebro. O meu cérebro é uma cicatriz. Quero ser uma máquina. Braços para agarrar pernas para andar nenhuma dor nenhum pensamento.

(écrans sem imagem. Sangue saindo do frigorífico. Três mulheres nuas: Marx Lenine Mao. Dizem ao mesmo tempo, cada uma na sua

língua o texto É PRECISO TRANSFORMAR TODAS AS SITUAÇÕES EM QUE O HOMEM... *O intérprete de Hamlet veste o fato e põe a* máscara.)

HAMLET O PRÍNCIPE DINAMARQUÊS E ALIMENTO DE
[VERMES TROPEÇANDO
DE BURACO EM BURACO ATÉ AO ÚLTIMO BURACO SEM PRAZER]
ÀS COSTAS O FANTASMA QUE O FEZ
VERDE COMO A CARNE DE OFÉLIA NA CAMA DE PARTO
E POUCO ANTES DO TERCEIRO GRITO DO GALO UM
[LOUCO
DESPEDAÇA O FATO DE GUISOS DO FILÓSOFO
UM MASTIM CORPULENTO RASTEJA PARA DENTRO DA
COURAÇA]
(entra na armadura, racha com um machado as cabeças de Marx Lenine Mao. Neve. Época glaciar.)

5.

ESPERANDO FURIOSAMENTE / NA ARMADURA TERRÍVEL / MILÉNIOS

(Mar profundo. Ofélia em cadeira de baloiço. Passam peixes ruínas cadáveres e pedaços de cadáveres.)

OFÉLIA
(enquanto dois homens com batas de médico a envolvem e à cadeira em ligaduras de gaze debaixo para cima.)

Aqui fala Electra. No coração da obscuridade. Sob o sol da tortura. Às metrópoles do mundo. Em nome das vítimas. Rejeito todo o

sémen. que recebi. Transformo o leito dos meus peitos em veneno mortal. Renego o mundo a que dei origem. Sufoco entre as minhas coxas o mundo que pari. Enterre-o no meu sexo. Abaixo a felicidade da submissão. Viva o ódio, o desprezo, a revolta, a morte. Quando ela atravessar os vossos quartos de dormir com facas de carniceiro, conhecereis a verdade.

(os homens saem. Ofélia fica em cena, imóvel na embalagem branca.)